



RESENHAS



RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Túlio Romualdo MAGALHÃES, *Instituto Federal de Minas Gerais*



Quem tem medo do feminismo negro?, de Djamila Ribeiro, é um livro composto por várias histórias autobiográficas e pela reunião de vários artigos publicados originalmente no blog da revista Carta Capital. Após sua publicação, em junho de 2018, através da editora Companhia da Letras, o livro vem se apresentando como uma obra referencial quando o tema da discussão passa pelos temas gênero e/ou raça. A leitura de *Quem tem medo do feminismo negro?* se faz tanto urgente quanto necessária a todos nós, haja vista os contornos coloniais que ainda insistimos em preservar enquanto país, os quais silenciam e violentam grupos historicamente desprivilegiados, como

mulheres e negros, ao passo que naturaliza uma hegemonia de poderes nas mãos de homens brancos. Ribeiro (2018) escreve sobre racismo e machismo de maneira embasada e contundente, provando que muito já se alcançou na teoria e na prática, mas muito mais se tem a ser alcançado no presente e no futuro. Devido ao contexto de publicação desta resenha, tivemos que selecionar somente alguns textos do livro para apresentação, mas temos o objetivo de motivar o leitor à leitura de toda a obra.

Ribeiro introduz o seu livro com o texto *A máscara do silêncio*, explicando que lutar pelo feminismo negro é algo que extrapola a luta de



identidades. Segundo a autora, pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos que incluam aqueles que, desde o Brasil colônia, vêm sendo colocados em posição de inferioridade e até hoje têm que lutar para conseguir direitos básicos, como condições humanas de igualdade e um estado de bem estar social. Mas, na verdade, infelizmente, o que testemunhamos a cada dia são notícias e mais notícias de mortes com motivações racistas e machistas.

A escritora conta que a leitura de vários autores lhe ajudaram a recuperar o orgulho de sua raízes, a exemplo de bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Sueli Carneiro, Alice Walker e Toni Morrison. Através das leituras no campo do feminismo negro, a autora explica que começou a entender por que não se identificava com um feminismo tido como universal, já que as especificidades das mulheres negras não eram consideradas ali. Nesse contexto, a escritora nos chama a atenção para os aprendizados que teve sobre os perigos da história única, que, na verdade, não existe. Segundo ela, há a necessidade de nos compreendermos enquanto histórias múltiplas, cada um a partir de seu lugar de fala. O que se elegeu como uma história única sempre foi a história de quem detinha o poder, em sua maioria homens e brancos.

Sobre a escrita para sites, atividade iniciada a partir de 2013, Ribeiro confessa ter resistido a princípio, devido ao receio da exposição. Mas, depois de entrar em contato com o portal *Blogueiras Negras*, se sentiu fortalecida para escrever sobre feminismo negro. Em 2015, a escritora se tornou colunista do site *Carta Capital*. Ribeiro fala que seu principal objetivo com os textos era trazer para o conhecimento do público autores que ela julgava fundamentais, principalmente escritoras negras. Com o intuito de construir reflexões que alterem nossas bases sociais, as publicações no blog da revista *Carta Capital* foram reunidas no livro *Quem tem medo do feminismo negro?*, o qual busca alargar o conceito de humanidade, lutando sempre contra a violência do silenciamento e da negação das vidas negras.

Em *Quando opiniões também matam*, publicado em 31 de julho de 2014, Ribeiro critica aqueles comentaristas de TV e articulistas de jornal que exercem a função do que ela chama de “especialistas em opinião”, sujeitos que falam sobre todos os assuntos, mesmo quando não sabem nada a respeito deles. A autora explica que ela frequentemente se depara com esses profissionais, os quais dão as mais variadas opiniões infundadas e simplesmente discordam dos estudos e pesquisas realizados. Contra o “achismo”, Ribeiro traz uma boa dose de fatos, cujos



números se encontram em pesquisas que evidenciam relações opressivas de gênero e raça.

Falar em racismo reverso é como acreditar em unicórnios, publicado em 5 de novembro de 2014, apresenta uma bela reflexão que acaba com o mito do racismo reverso. Primeiramente, a escritora explica que o racismo é um sistema de opressão institucionalizado há anos. Como os negros não detêm esse poder institucional, é impossível que eles pratiquem racismo contra os brancos. Na verdade, quando olhamos a história de um país como o Brasil, podemos perceber que o navio era negreiro, a escravização, por mais de trezentos anos, foi a da população negra e os direitos negados foram os dos negros. Portanto, não há simetria entre as histórias de negros e brancos.

No texto *As diversas ondas do feminismo acadêmico*, publicado em 25 de novembro de 2014, Ribeiro começa explicando que o principal objetivo do feminismo é alcançar uma sociedade em que não exista hierarquia de gênero. Nesse contexto, temos algumas ondas da luta feminista: na primeira onda, a luta estava voltada para o direito ao voto, à vida pública, ao sufrágio feminino e ao direito ao trabalho sem necessidade de autorização do marido; na segunda onda, o contexto de democracia em crise pelo qual o Brasil passava motivou o combate à ditadura militar, bem como a luta pela valorização do trabalho da mulher, pelo direito ao prazer feminino e pelo combate à violência sexual; na terceira onda, Judith Butler encabeçou uma discussão que colocou em debate os paradigmas estabelecidos nos períodos anteriores, tornando fundamental discutir gênero através dos recortes de classe e raça.

Em *Quem tem medo do feminismo negro?*, publicado em 24 de março de 2015, Ribeiro recupera o discurso intitulado *E não sou eu uma mulher?*, proferido pela ex-escrava Sojourner Truth, em 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio, para nos explicar que a luta das mulheres negras possuem radicais diferenças com relação à luta das mulheres brancas. A autora reforça que, enquanto em uma época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras ainda lutavam para ser reconhecidas como pessoas. Posto esse histórico, a autora salienta que, apesar do gênero unir mulheres, as especificidades da questão racial as separam e afastam.

No texto *Ser contra as cotas raciais é concordar com a perpetuação do racismo*, publicado em 15 de julho de 2015, Ribeiro



defende que é racista aquele que é contra as cotas raciais. Dada a história do no país e o sistema de opressão racista que é inerente a ela, ser a favor de cotas racias é ser a favor de uma ação afirmativa que funciona como mecanismo de inclusão da população negra na sociedade, ferramenta que já deveria ter sido criada séculos atrás.

Em *Cansado de ouvir sobre machismo e racismo?*, publicado em 17 de agosto de 2015, Ribeiro escreve sobre situações em que pessoas reclamam sobre militantes só falarem sobre machismo e racismo. A autora esclarece que tanto o machismo quanto o racismo são elementos estruturantes da nossa sociedade e, portanto, estão em todos os espaços que dividimos. Se quem possui privilégios tem o desejo de mantê-los, o outro lado da moeda está cansado da submissão e deseja ter voz, a fim de assegurar sua sobrevivência.

No texto *Homens brancos podem protagonizar a luta feminista e antirracista?*, publicado em 28 de setembro de 2015, Ribeiro faz uma reflexão sobre o espaço de cada sujeito dentro da luta feminista e antirracista. Para a autora, embora homens ou brancos tenham o dever de se conscientizar do lugar que ocupam e dos privilégios que possuem, eles têm igualmente o dever de ouvir os protagonistas das lutas, isto é, mulheres e negros.

Em *Vidas negras importam ou a comoção é seletiva?*, publicado em 3 de março de 2016, Ribeiro relembra o assassinato brutal ocorrido contra cinco jovens pelas mãos da Polícia Militar carioca, na chacina de Costa Barros. Embora os quatro PMs tenham sido presos, a família dos jovens não recebeu nenhum auxílio. A autora alerta que, há muito tempo, o movimento negro vem denunciando o extermínio da juventude negra no país e, mesmo assim, o Estado e a mídia parecem fechar os olhos para os fatos.

No texto *Feminismo negro para um novo marco civilizatório*, publicado em novembro de 2016, Ribeiro fala sobre a importância do feminismo negro para o debate político, pensando sempre de maneira interseccional, a fim de considerar várias possibilidades de existência. Dessa forma, conseguimos enxergar que não deve haver uma hierarquia entre as opressões, mas sim que nenhuma delas pode ser pensada de maneira isolada.

Em *Estrangeira no próprio país*, publicado em 6 de novembro de 2017, Ribeiro traz uma história autobiográfica para contar sobre como é se sentir estrangeira no seu próprio país, isto é, como é não se sentir



representada nos espaços de poder e na mídia ou ver homens brancos dizendo que mulheres negras deveriam ser passistas ao invés de estarem na universidade.

Ao lermos a obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, de Djamila Ribeiro, percebemos que a autora escreve sobre uma realidade da qual fala com muita propriedade. Ela não só possui muitas vivências como também fundamenta suas discussões em um aporte teórico amplo, diversificado e bem selecionado. A leitura da obra não só é recomendada como é fundamental àqueles que buscam informação e têm sede de mudança das estruturas opressoras de nosso país ligadas ao racismo e ao machismo históricos. Àqueles que se sentem confortáveis, o livro é um choque necessário, que irá despertar o leitor para realidades cruéis que grupos estigmatizados vivem, bem como indicará caminhos para que eles se encaixem na luta, abrindo mão de seus privilégios e combatendo desigualdades.